

Coordenação de Armindo Rodrigues

Algas coralinas nos Açores um mundo a descobrir

Autor:
Ruben Couto

Desde há muito tempo que os habitantes dos Açores se habituaram a olhar o mar e a sua costa e a dele retirar sustento e benefício. Plantas e animais do litoral dos Açores têm sido, ao longo dos anos, recursos úteis para a economia local. As costas das ilhas são uma importante via de acesso para o mar e fonte de grande prazer para os habitantes locais e estrangeiros. Portanto, o oceano e a costa das ilhas são componentes importantes da cultura e do património local e de grande interesse económico.

As algas são dos organismos mais característicos da zona das marés (intertidal). Vulgarmente chamadas de “musgo”, como se fossem uma única espécie, são na realidade uma diversidade enorme de espécies de várias cores e formas, “para todos os gostos e feitios”.

Vários estudos sobre a composição algal dos Açores continuam a adicionar/identificar novas espécies para a flora dos Açores. Estes estudos mostram que as nossas ilhas, isoladas no Atlântico, suportam uma flora algal marinha relativamente rica, chamando à atenção de cientistas de vários países, desde há muito tempo.

Um dos grupos de algas, ainda relativamente pouco estudados nos Açores são as algas calcárias ou algas coralinas. São chamadas assim devido à sua estrutura em Carbonato de Cálcio (calcário) que lhes dá uma superfície rija e resistente, que representa entre 70 a 90% do seu peso depois de secas. Estão entre as algas mais conspicuas dos Açores, con-



Fig. 1. *Ellisolandia elongata*. (©P Raposeiro)



Fig. 2. *Jania rubens*. (©P Raposeiro)

sideradas espécies de crescimento lento mas, uma vez estabelecidas, geralmente persistem por longos períodos de tempo e, por esse motivo, são mais abundantes em substratos fixos (e.g. escoadas lávicas) junto ao nível da água do mar, ocupando em alguns locais mais de 90% do espaço.

Substratos mais instáveis como “blocos” de basalto ou “calhau rolado” podem também apresentar algas coralinas, mas em menor abundância. Estes organismos podem ser encontrados numa grande variedade de locais, mesmo a grande profundidade, no limite extremo de penetração da luz. As algas coralinas ocorrem sob diversas formas: como plantas erectas com “pé” e “ramos” que aparecem nas rochas (Fig. 1 e 2), em cima de outras algas (epifitas), em cima de animais (epizó-

cas) e, até mesmo, parcialmente no interior de outras algas (semi-endófitas). Podem também apresentar-se sob a forma de crostas calcárias, com aspecto liso, laminar ou foliáceo e uma cor branca/rosa, vivendo fixas, incrustadas à rocha (Fig. 3), a algas ou a animais, mas também sob a forma livre – rodólitos.

Os rodólitos são uma forma de crescimento bastante rara que apenas ocorre quando há uma combinação de diversos factores, podendo ser encontrados no Ilhéu de Vila Franca do Campo ou nas Lajes do Pico, em zonas protegidas e de pouca profundidade.

A sua estrutura calcária, torna estas algas muito resistentes, fazendo com

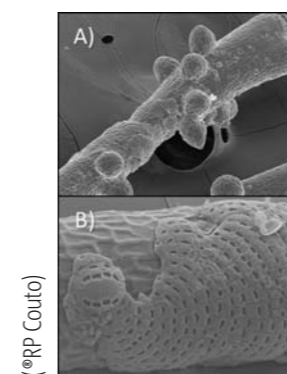


Fig. 3. *Mesophyllum lichenoides* (esquerda) *Litophyllum tortuosum* (direita). (©P Raposeiro)

que sejam um dos elementos estruturais mais importantes em zonas costeiras, podendo constituir, em alguns locais, até 40% da biomassa dos recifes calcários. Nos Açores, crescendo sob a forma de musgo, desempenham um papel funcional importante, fornecendo habitat para uma flora e fauna extremamente diversas e abundantes, o que contribui para o seu sucesso como elementos estruturais nas zonas costeiras. No entanto, a mesma estrutura calcária também as torna mais suscetíveis à acidez do meio ambiente, fazendo com que sejam estudadas como potenciais indicadoras do efeito da acidificação dos oceanos que advém das alterações climáticas, assunto da maior relevância nos dias de hoje. Sendo organismos fixos ao substrato, estão directamente ligadas ao local onde se encontram e ao meio que as rodeia. Assim, têm sido também estudadas, como indicadores de “saúde” ambiental – bioindicadores. O facto de existirem ou mesmo de estarem ausentes em determinado local pode ser sinal de alguma perturbação no meio envolvente. A identificação das várias espécies é feita analisando uma

série de características em cada planta. Por vezes, é necessário recorrer ao microscópio electrónico para, através de grandes ampliações de imagem, se conseguir determinar algumas características, o que torna a identificação por vezes difícil ou impossível de executar no “campo”.

No início deste ano (2014) foi publicado na revista científica internacional – PHYTOTAXA® um trabalho que avalia a morfologia e anatomia de *Ellisolandia elongata*, uma alga coralina abundante e característica do litoral dos Açores, antes conhecida por *Corallina elongata*. Foram analisadas várias características diagnosticantes da espécie, que permitem identificar a planta e separá-la de outras espécies do mesmo género. Nos Açores, são cerca de 30 o número de espécies de algas coralinas identificadas. É bastante expectável que, havendo continuação de estudos sobre este grupo de algas, o número de espécies aumente, especialmente sobre aquelas espécies mais sensíveis e/ou mais pequenas (mais difíceis de encontrar), contribuindo assim para o enriquecimento da flora algal marinha dos Açores.



(©RP Couto)

Novas espécies de algas para a flora dos Açores

Foram recentemente registadas duas novas espécies de algas coralinas para os Açores. Uma delas, *Choreonema thuretii* (A), vive parcialmente dentro de outra alga, como “parasita”. A outra chama-se *Pneophyllum confervicola* (B) e foi encontrada a crescer sobre outra alga coralina.

Ambas são espécies de muito pequenas dimensões, podendo apenas ser identificadas ao microscópio electrónico. É provável que ambas tenham sido negligenciadas nos Açores devido ao seu reduzido tamanho e à sua forma de crescimento (parasita/epífita).

Coordenação de Armindo Rodrigues